
Identidades Femininas possíveis na Tribuna de Petrópolis, na Primeira Onda do Feminismo¹

Tamara de Souza Campos

Universidade Estácio de Sá, professora do curso de Jornalismo e bolsista Pesquisa
Produtividade Unesa

Resumo

O jornal Tribuna de Petrópolis, que começou a ser publicado em 1902, é um dos mais antigos do país e circulou até março de 2020. O objetivo desse estudo é analisar quais as identidades femininas promovidas pelo periódico nas notas, notícias e artigos, de 1902 e 1904, durante a Primeira Onda do Feminismo. Para tal, foram analisadas 226 capas, a fim de mapear as menções às mulheres. Foram criadas 10 categorias, baseadas no próprio material coletado. A categoria mais recorrente, figurando 26 vezes, foi a de “mulheres mencionadas em falecimentos, nascimento, casamentos e enfermidades”, em contraposição à categoria “rainha do lar/mãe”, que foi a de menor incidência, com quatro ocorrências. O total de menções foi de 160, sendo que destas, 19 foram neutras, e, portanto, não consideradas, pois não remeteriam a questão identitária. Trabalhamos, então, analisando 141 menções.

Palavras-chave: mulher; identidades; imprensa; Tribuna de Petrópolis

Introdução

A temática do feminismo está em efervescência hoje, repercutindo fortemente na esfera pública (Habermas, 1962). Em setembro de 2019, ocorreu no SBT uma competição entre meninas de 9 e 10 anos com roupa de banho², além de uma gincana entre mulheres que disputavam quem passaria a roupa do pretendente melhor – ambas na mesma emissora de televisão. Ainda no mesmo mês, um líder religioso alegou que suas filhas não ingressariam no nível superior³, pois a mulher não deveria ter mais estudo que o homem, para não comprometer o casamento.

Esses episódios geraram reações diversas dos internautas, como a *hashtag* #Silvio⁴, em menção à competição de roupas de banho. Tal *hashtag* chegou a ficar em

¹ Trabalho apresentado no GP História e Jornalismo, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² <https://revistacrescer.globo.com/Voce-precisa-saber/noticia/2019/09/silvio-santos-gera-polemica-ao-fazer-criancas-desfilarem-de-maio.html>

³ Cf. em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/09/24/edir-macedo-diz-que-so-deixou-filhas-fazerem-faculdade-apos-casamento.htm> Acesso de 29 de setembro de 2019, às 18h43.

⁴ Cf. em: <http://www.trendinalia.com/twitter-trending-topics/brasil/brasil-190924.html>. Acesso de 29 de setembro de 2019, às 18h43.

sétimo lugar nos *Trend Topics* de 24 de setembro de 2019. São três exemplos recentes, mas a luta envolvendo a representação da mulher tem sido intensa nas últimas décadas.

Diante de tamanha repercussão, o feminismo pode aparentar ser um fenômeno atual, mas é uma luta em voga pelo menos desde o século XIX. Com a Revolução Francesa e a inserção da mulher na indústria, começou o questionamento por direitos iguais. Olympe de Gouges, pseudônimo de Marie Gouze, ativista política, dramaturga e abolicionista, (1748-1793) foi pioneira, publicando a “Declaração dos direitos da mulher e cidadã” (1791) na França, em alusão à “Declaração dos direitos do homem e do cidadão” (1789). Ela foi presa e executada.

O movimento feminista é dividido em quatro ondas, com a primeira no fim do século XIX e início do século XX, sendo o movimento sufragista emblemático nesse sentido. O direito à propriedade era uma temática muito debatida, além de condições contratuais justas para mulheres, e o combate aos casamentos arranjados. O direito de frequentar a universidade, votar e ingressar no mercado de trabalho também estiveram em pauta (Franchini, 2017).

A Segunda Onda está vinculada à liberação da mulher, de seu corpo e sexualidade, cujo símbolo mais famoso são os sutiãs queimados. Situada na década de 1960, é caracterizada pela luta contra as desigualdades culturais e políticas, buscando o fim da discriminação (ibidem). Já a Terceira Onda do feminismo, cujo início data de 1980, combateu lacunas deixadas pelo movimento anterior, incluindo as mulheres negras, pois as pautas se relacionam às experiências de mulheres brancas das classes média e alta. (Mota, 2017, p.118). Por fim, alguns teóricos já apontam uma quarta onda, possível graças a uma intensa articulação via redes sociais, com pautas como a cultura do estupro (Souza, 2017, p.12), representação da mulher na mídia a uma recusa ao silenciamento (Franchini, 2017).

A mulher na imprensa Petropolitana

Essa pesquisa se propõe a analisar a Primeira Onda do Feminismo, a partir de coleta e análise das edições de a *Tribuna de Petrópolis*, que é um dos jornais mais antigos do país e ficou em circulação até março de 2020. O impresso começou a ser publicado em 1902, após a compra o jornal *O Povo*, que publicou apenas 21 edições no mesmo ano. *O Povo* foi descontinuado, mas serviu como referência para a *Tribuna* se inspirar em termos de diagramação e formato. Em 1970 um dos herdeiros da família real compra o

jornal (Costa, 2011, p.11), encerrado em março de 2020. A partir desse ponto restam apenas o site e as redes sociais (Orleans e Bragança, 2020).

Outros títulos marcantes em Petrópolis no período da Primeira Onda do Feminismo foram “O Mercantil” (1875 a 1892) e a “Gazeta de Petrópolis” (1892 a 1904), referências do jornalismo local no século XIX. A seleção pelo periódico se deve ao fato de a *Tribuna de Petrópolis* ser um veículo cujo início coincide com a primeira onda feminista. Santos e Moura (2018, p.2) destacam o fato de a Primeira Onda ser, ao mesmo tempo, uma história vitoriosa, posto que as principais pautas do período foram alcançadas gradativamente, e uma história pouco contada, no sentido de existirem poucas publicações sobre esse período. Dessa forma, a ideia é contribuir para um período histórico pouco explorado no que tange ao feminismo e imprensa.

Como a família real desfrutava seus verões na cidade de Petrópolis, fundada em 1843, a imprensa petropolitana também teve origem precoce no século XIX, poucos anos após a imprensa começar na capital, em 1808, com a vinda da família real. Ao analisar publicações na imprensa acerca da mulher é possível compreender quais as identidades permitidas no âmbito discursivo no período, bem como até que ponto a mulher era tematizada e em que pautas.

Ferreira (2007) afirma que se no início do século XIX as mulheres eram praticamente invisíveis na imprensa, tal fato vai mudando de figura com o avançar do século, indicando “um crescente questionamento acerca de uma identidade feminina até então construída com referência exclusiva ao domínio familiar doméstico”. (Ferreira, 2007, p.1). O trabalho de Trindade (2017), que analisou o jornal paulista *Folha da Noite*, de 1921 a 1925, identificou a mulher enquanto “1) rainha do lar”, 2) “arauto da beleza”, 3) “vítima de violência doméstica”, 4) “a mulher artista” e a 5) “mulher engajada politicamente”. Nossa análise soma a estas: as identidades de 6) freira, 7) professora, 8) mulher perdida (vulgar, obscena, de comportamento questionável), 9) acompanhante e 10) mulheres mencionadas em falecimentos, nascimento, casamentos, enfermidades.

Pesquisar representações e identidades femininas construídas pela imprensa, no início do século XX, ajuda a traçarmos um paralelo com alguns casos recentes, a fim de compreender melhor como preconceitos se perpetuam no imaginário coletivo, bem como a questão da memória que a imprensa ajudou a construir sobre a mulher. Basta recordar os exemplos expostos na introdução desse artigo para que isso fique evidente, pois a ideia

da mulher que passa bem uma roupa, por exemplo, está relacionada à imagem da mulher como rainha do lar, identificada por Trindade (2017).

A seleção pelo periódico se deve ao fato de a Tribuna de Petrópolis ser um veículo cujo início coincide com a primeira onda feminista. Além do mais, tal jornal não teve a vida efêmera de outros títulos locais. Além dos exemplos citados anteriormente, publicados somente no século XIX, temos também o Diário de Petrópolis, que teve poucas edições em 1911 e voltou ao mercado nos anos de 1929 e 1930, e, por fim, só retoma as atividades ininterruptamente a partir da década de 50, perdurando até hoje. O próprio jornal O Globo é posterior à Tribuna de Petrópolis.

Outro ponto importante para optar pelo jornal é o fato de que o acervo físico está se deteriorando e não há previsão de digitalização, como foi feito com o Parahyba, O Mercantil e a Gazeta de Petrópolis, e mesmo com as edições de o Povo. Todos estes jornais integram o acervo digital da Biblioteca Nacional. Dessa forma, a intenção é privilegiar esse rico material que constitui um patrimônio e integra a memória de Petrópolis e corre o risco de se perder. Foram contabilizadas quatro edições inexistentes no ano de 1902 e duas páginas de uma edição de 1903 estão desaparecidas. O curioso é que os próprios funcionários do arquivo desconheciam esse fato, pois não há qualquer controle digital de exemplares desse jornal. Embora a imensa maioria do acervo resista e esteja legível, alguns trechos estão danificados pela ação do tempo, das traças e pela falta de conservação. Outro agravante é o recente anúncio, em março de 2020, de que o jornal impresso seria encerrado, permanecendo somente sua versão digital.

É válido ressaltar a pouca produção acadêmica sobre o jornal, pois apenas um artigo foi encontrado, enfatizando as primeiras décadas da história do jornal, sem, no entanto, lidar com as publicações em si. Pela importância histórica da Tribuna, por ser um dos jornais mais antigos do Brasil e ter funcionado até 2020, por integrar o rol dos primeiros jornais coloridos do país e um dos primeiros a entrar na internet, acredita-se que privilegiar esse periódico é também ajudar a contar uma história da imprensa não só petropolitana⁵ como brasileira.

⁵ Petrópolis fica a 60 km da capital do Rio de Janeiro e conta com mais de 300 mil habitantes, sendo o nono município mais populoso do Estado e a cidade com mais habitantes na região serrana.

Normalmente, trabalhos que se dediquem a investigar a relação entre imprensa e mulher tendem a escolher temas específicos, cujo foco recai sobre revistas direcionadas à mulher. Uma exceção é o trabalho de Buitoni (2009), que contextualiza historicamente as revistas femininas de 1900 a 1990. Entretanto, mesmo esta pesquisa envolve os magazines especializadas na mulher; uma estratégia lógica no sentido de compreender como a mulher era representada em cada período. A opção de investigar a mulher a partir de um jornal diário feminino é inviável, tendo em vista que “nós nunca tivemos um diário feminino, como a França teve La Fronde. Grande parte de nossa imprensa feminina é mensal, ou então quinzenal” (...) (Buitoni, 1986, p.202).

Se existem apenas revistas quinzenais e mensais, logo, as matérias tendem a ser “frias”. Dessa forma, a atualidade, uma das quatro características da imprensa analisadas por Otto Groth (2011) acaba sendo uma premissa que não se faz presente nos veículos femininos, com tal nicho mais vinculado à novidade que propriamente à atualidade.

Outro ponto interessante na análise de Buitoni (2009) é que mesmo nas revistas femininas a mulher tende a ser qualificada, a partir do uso de adjetivos e verbos de ligação, que indicam qualidades ou estados emocionais. Assim, construções do tipo “a mulher é oásis no deserto”, “a mulher é sacerdotisa da beleza” enfatizam mais as virtudes ou ausência de determinadas virtudes do que a ação feminina. Dessa forma, a mulher acaba sendo enquadrada pelo que se espera da mesma, ou seja, idealizações. A mulher agente, sujeito da história tem pouco espaço. Buitoni (2009) diz ainda que havia “perspectivas mais sérias em relação a mulher, só que na imprensa em geral, não na especificamente feminina (ibidem, p.53). Diante de tal afirmação que nos indagamos se a Tribuna veicularia ou não tais “representações mais sérias”. Ou, no espectro do corpus em questão, a mulher ainda seria quase invisível, como Ferreira (2007) pontua ocorrer no século XIX? Ou seja, quais as identidades possíveis para a mulher no período estudado?

Procedimentos de Coleta e Análise de Dados

O presente trabalho envolve pesquisa documental descritiva, de caráter qualitativo e quantitativo. O levantamento documental foi realizado na Biblioteca Central Municipal Gabriela Mistral, em Petrópolis, considerada a terceira maior do Rio de Janeiro, com um acervo de mais de 150 mil volumes e em funcionamento desde 1871. A Tribuna somente possui acervo físico nesse local, motivo pelo qual o jornal é basicamente inexistente na história da imprensa carioca e nacional.

Para fins de esclarecimento, de acordo com o levantamento realizado no acervo da biblioteca, em 1902 a Tribuna publicava todo domingo e quinta-feira. Em 1903, aumentou a periodicidade para três dias na semana. Só a partir de 1908 o jornal passou ser diário. Tal levantamento foi fundamental para conhecer a extensão do *corpus*, a fim de pensar as melhores estratégias metodológicas para o estudo. Cada edição tem quatro páginas e as unidades de registro elencadas para análise serão os textos inteiros do jornal (notas, notícias ou seções compostas por notas e artigos de opinião) localizados na primeira página.

Ao todo, foram analisadas as capas de 226 edições, iniciando com a primeira publicação de a Tribuna, em 29/10/1902 e indo até 31/12/1904. As edições foram escolhidas aleatoriamente, a partir do site sorteador.com. A decisão por trabalhar apenas com a capa ocorreu a partir da constatação, no levantamento prévio, de que as duas últimas páginas eram dedicadas a anúncios, que não integrariam o *corpus* de análise. Essa é uma característica dos jornais nessa época, que tinham uma função de classificados presente, muitas vezes superando o próprio conteúdo jornalístico. A escolha pela capa também foi influenciada por Marialva Barbosa, que usara método semelhante no conhecido “História da Comunicação no Brasil”. Ela afirma no livro que “apenas a primeira página dessas publicações, que materializam a difusão de uma esfera pública que faz do discurso impresso modo de comunicação fundamental para proliferação de debates e ideias e também de insultos e injúrias” [...]. (2013, p.70)

A metodologia, portanto, consistiu em consultar os jornais a fim de catalogar as matérias que envolvam a representação da mulher nas notas ou artigos. Após a recolha do material jornalístico, as pautas foram separadas por ano e divididas em dez categorias, de acordo com a identidade feminina tematizada pelo veículo. Cada uma das categorias e sua natureza e número de menções são detalhadas adiante.

Estudo de caso de a Tribuna: identidades femininas entre 1902 e 1904

Nessa seção, explicamos mais detalhadamente cada uma das 10 categorias criadas a partir da observação do *corpus* de análise e que nos ajudam a compreender as representações acerca do feminino que figuram no plano discurso do referido jornal. Trazemos um ranking das menções e ao menos dois exemplos de cada, a fim auxiliar na compreensão de cada categoria, bem como a identidade feminina em voga. Abaixo, esquematizamos cada categoria, da mais para a menos citada.

-
- 1) falecimento/aniversario/casamento/nascimento/enfermidade = 26 casos
 - 2) professora = 19 casos
 - 3) arauto da beleza, pura, santa, religiosa = 15 casos
 - 4) acompanhante = 15 casos
 - 5) vítima de violência doméstica e nas ruas = 14 casos
 - 6) mulher artista = 11 casos
 - 7) mulher perdida = 11 casos
 - 8) freira = 10 casos
 - 9) engajada politicamente ou referendada com prestígio = 7 casos
 - 10) rainha do lar/mãe = 4 casos

1) Falecimento/aniversario/casamento/nascimento/enfermidade (26 vezes)

A Tribuna sempre noticiava tais eventos, geralmente envolvendo famílias de classe média e alta. As mulheres eram vinculadas ao homem, sendo anunciadas como filha de, mulher de, sogra de ou mãe de alguém do sexo masculino. O que fazia sentido em uma sociedade cujo nome de família era o nome do homem. Aniversários, nascimentos e casamentos saíam na coluna esporádica “Lares em Festa”.

Em nota publicada em setembro de 1903, temos um exemplo de uma típica menção dessa categoria. Optamos por transcrever todo o material, por questão de espaço, mantendo, no entanto, a grafia característica do período.

“A exma. esposa do senhor Estacio da Costa contrai varíola”.

O uso de pronomes de tratamento era recorrente nas edições analisadas. Quanto maior o prestígio do homem ao qual a figura feminina noticiada se ligava, mais formal tendia a ser. Um dos pontos que chama a atenção na nota é o fato do nome da esposa em questão não ser mencionado, ao passo que o de seu marido, que não estava acometido pela doença o fora, o que ilustra o argumento de que a mulher não gozaria de uma existência plena, já que estava sempre associada ao masculino de alguma forma.

Uma única nota sobre suicídio foi localizada, em dezembro de 1902. Fica evidente a indignação com o caso de uma “senhora 'da melhor sociedade de Petrópolis', de família distinta e educação esmerada”, o que mais uma vez indica que eram priorizadas mulheres tidas como distintas pelo veículo, no que diz respeito a notícias dessa categoria.

Já em junho de 1904, há menção ao nome da falecida. “[...] falecimento da inocente Maria da Gloria, filha do sr. Joao Baptista da Silva, empregado da E. de Ferro Leopoldina”. O uso de adjetivos para qualificar as mulheres era recorrente, assim como os pronomes de tratamento, como no caso anterior analisado. Devemos lembrar que, no Brasil, o jornalismo ainda caminhava para um formato mais factual, como aponta Bahia

(1964) ao sinalizar 1930 como um período a partir do qual o jornalismo moderno se fez mais sentido em nosso país.

2) Professora (19 vezes) - Uma das únicas identidades profissionais possíveis para a mulher nesse período, há várias notas noticiando transferência de professoras, licenças, solenidades organizadas em escolas nas quais professoras tiveram participação, além de algumas notas sobre professoras com pagamento atrasado. Diferentemente de outras ocupações como de artista e freira, que geralmente evocam adjetivos elogiosos, a professora tanto aparece como uma figura profissional respeitada quanto não, pois palavras como “infeliz e ingrata” foram mapeadas.

Em outubro de 1904 uma nota anuncia que “professora de Itaipava teve o pedido de concessão de licença no período de um ano negado”. O nome dela não foi divulgado. Já em dezembro de 1904 há uma notícia mais extensa sobre a festa de dias dos pais do Colegio Sion. Ao falar das diversas apresentações artísticas, cita uma poetisa que declamara algo. Menciona também a ação exemplar de professoras que ensinam trabalhos de costura e renda, [...] “uns fáceis, alguns dificílimos e todos perfeitos, revelando a superioridade das professoras que conseguem ensinar as creancinhas tão tenras, trabalhos que nos parecem tão complicados”. Finda parabenizando a “digna superiora do colégio, senhora de alto merecimento e grande valor intelectual”.

Nesse trecho é possível verificar que as três identidades profissionais possíveis para a mulher no período figuram na nota: artista (poetisa), professora (nesse caso, ensinando habilidades de costura) e a freira. Dessa forma, interessante notar como boa parte das possibilidades profissionais possíveis da mulher giravam em torno da educação infantil. Vale lembrar que a prostituição também era uma profissão possível no período, mas é mencionada sob uma ótica negativa pelo jornal.

3) Arauto da beleza, pura, santa, religiosa (15 vezes) - Essa categoria envolve a mulher tanto sendo representada enquanto o sexo belo quanto ligada à ideia de santidade e religiosidade. Tal incidência teria sido bem maior caso os pequenos poemas que ocasionalmente figuravam nas capas integrassem o escopo da análise. No entanto, ocorreria a opção de trabalhar com as notas, notícias e artigos, excluindo poemas, contos e anúncios do *corpus*.

A notícia publicada em abril de 1903, fala sobre evento pomposo, no qual muitas mulheres compareceram.

“Nessa noite a elite da sociedade petropolitana marcou rendez-vous para aquella salão: tudo quanto o alto mundo político, financeiro, comercial e independente pela fortuna existente actualmente em Petropolis, ali se achou, dando àquella reunião o aspecto festivo dos dias de gala de outrora. As senhoras, em numero elevadíssimo, tornaram ainda mais encantadora e brilhante tão fina reunião pela attracção dos portes delicados e correctos, pelo brilho magnético dos olhos, pelo decote das vestes, deixando os cólos nus a evocar olhares ávidos, pela riqueza dos jóias, por esse quê de distincção e suprema elegância das grandes rodas, dos meios elevados

(...) Que motivo levou tão alta sociedade aos salões do Club dos Diários essa noite? Um, muito simples – a criação de uma capella e de uma escola no Alto da Serra” (...).

A figura feminina é exaltada, inclusive com uma conotação erótica, ao falar do decote das vestes e dos colos nus. A questão dos atributos físicos e da beleza feminina são tão enfatizados quanto a questão econômica e social dos presentes no evento – todos ricos, pertencentes a um círculo distinto. Isso vai ao encontro de Buitoni (2009) que percebe uma adjetivação e idealização da mulher. A questão da religião e educação também ganham espaço e sugerem uma associação intensa com o feminino, o que também ocorre em outras categorias, como freira, professora, como já vimos, e mulher engajada (especialmente caridade religiosa) e rainha do lar/mãe, como veremos adiante.

4) Acompanhante (15 vezes) - A incidência dessa categoria era muito comum em eventos como jantares e festas, nos quais as mulheres eram mencionadas também gravitando em torno de um homem, similar à categoria Falecimento/aniversario/casamento/nascimento/enfermidade. Há várias notas também que informam sobre a chegada dessas esposas e filhas a Petrópolis, bem como o aviso de que deixaram a cidade imperial rumo ao Rio de Janeiro.

Na nota publicada em dezembro de 1904 percebemos a presença da mulher, de uma forma um tanto quanto figurativa. “Senhor Joao Vieira da Silva e sua senhora deixam a cidade”. A partir da frase fica claro o anúncio de chegada ou saída da cidade. Já a nota publicada em novembro de 1904, afirma que:

“ O Sr. Susviela Gnarch, ministro do Uruguay, offereceu hontem à noite um banquete ao sr. Barão do Rio Branco, ministro das relações exteriores. Nesse tomara parte: os srs. Barão do Rio Branco, mlle. Hortencia Rio Branco, Baroneza de Berg, Pecegueiro do Amaral, Domicio da Gama, príncipe e princesa Cariati, Susviela Gnarch, senhora e filha, Dufour Basanez e senhora, Alberto Fialho, Camelo Lampreia e senhora, monsenhor Julio Tonti, Pedro Peña e senhora”.

No trecho fica evidente a função de acompanhante, quando vários nomes de homens são mencionados e suas esposas só aparecem genericamente como senhoras. Das sete mulheres citadas apenas duas são identificadas por seus nomes.

5) vítima de violência doméstica e nas ruas (14 vezes) - Essa categoria traz mulheres vítimas de violência, tanto dentro de casa com o marido companheiro ou pai, quanto na rua, em assaltos e investidas de terceiros, e até mesmo brigas, nas quais as mulheres estavam envolvidas. Muitas vezes saiam publicadas na coluna esporádica “Na polícia e nas ruas”. A nota publicada em setembro de 1903 conta uma:

[...] “scena picaresca, que prendeu a atenção de um grande numero de pessoas, ávidas de escândalos. Uma mulher imensamente magra e alta, enrolada em um vestuário de chita barata, e talvez sob a ação de alguns cálices de Paraty, dava a língua, fazendo um berreiro medonho porque era perseguida por alguns garotos que se apoderaram de umas cannas, que transportava a infeliz megera. Correndo para um lado e para o outro, erguendo os braços, saccudindo as pernas, a protagonista dava pasto à sua indignação, usando um palavriado crú, verdadeiros trechos de teatro livre. E tudo isto em pleno coração da cidade, na principal via pública; porque, infelizmente, a nossa cidade está infestada de vagabundos de ambos os sexos, de certo tempo para cá!”

O trecho ressalta a origem social e econômica da mulher, ao dizer que usava chita barata, sugere que estivesse bêbada, mas não atesta certeza, pois há a construção “talvez sob a ação de alguns cálices”. Mas tal sugestão, quando justaposta ao fato de que ela berrava medonhamente, dava a língua, usava vocabulário ofensivo e que era uma infeliz megera, assume um caráter verídico.

Curioso notar que, apesar da mulher ser uma vítima na história, pois os garotos se apropriaram de algo que era seu, acaba sendo retratada de uma maneira tão pejorativa.

Mas nem sempre a mulher vítima era retratada de tal forma. Em algumas ocasiões apenas o crime era enfatizado, como na nota publicada em setembro de 1904: “Continuamos a receber queixas contra uma tropilha de menores vagabundos, que à tarde e à noite, promovem sarilho em Villa Thereza, apupando as senhoras que por ali passam”.

Já uma notícia de junho de 1904 reúne dois casos de crimes contra mulheres.

“Foi submettido a julgamento o processo em que é réu Isaias de Souza Adão, acusado de ter, na noite de 14 de fevereiro ultimo, 1º dia de carnaval, na caixa do Theatro Floresta, atentado contra o pudor de uma menina de 9 anos de idade (...) o réu foi condemnado a 6 annos de prisão de prisão cellular, appellando da sentença o advogado de defesa. Hoje será submettido a julgamento o réu José Alves, acusado do crime de morte perpetrado a

19 de março último as pessoas da parda Manoela Ferreira de Souza, no lugar denominado Cortiço. O criminoso terá por defensor o dr. Vicente de Ouro Preto”.

A palavra parda era usada como um artifício para informar a origem popular das mulheres em notícias de crimes. Nenhuma vez foi computado os vocábulos “branca” ou “caucasiana”, ao passo que “parda” e “creoula” eram recorrentes.

6) Mulheres Artistas (11 casos) - Uma das identidades profissionais possíveis e bastante elogiada, com adjetivos identificando as mulheres como “virtuosi, exímia, graciosa e meiga”. As duas primeiras qualidades têm relação com habilidades artísticas que poderiam designar tanto homens quanto mulheres, enquanto, as duas últimas têm relação com um perfil comportamental de mulher dócil, tão valorizado na época. Uma nota de maio de 1904 fala sobre uma artista que estará presente em uma festa. “A aplaudida e inteligente Atriz Consuello participa de festa no Theatro Cassino”. Os adjetivos são positivos e, neste caso, não teriam relação estreita com a questão de gênero. Já a nota de novembro de 1904, anuncia a agenda de uma cantora. “A exímia cantora d. Malvina Pereira, que Petrópolis já se deliciou em ouvir, seguirá brevemente para Campos e Juiz de Fora, onde realizará concertos”.

Novamente adjetivos que enaltecem a figura da mulher artista, algo bastante recorrente em a Tribuna de Petrópolis, o que nos leva a inferir que, na cidade, essa carreira era não só permitida a mulher como reconhecida e apreciada.

7) Mulher perdida (11 casos) - Notas e notícias que veiculam imagens de mulheres de forma depreciativas, sempre carregado de adjetivos que ajudam a construir essa ideia de uma mulher degenerada, perdida, criminosa e promíscua. Muito comum ser publicado na coluna eventual “Na polícia e nas ruas”.

Uma nota publicada em setembro de 1903 noticia uma tentativa de assassinato de uma mulher. Ela estaria no local do incidente e trocava palavras com um soldado. A nota diz que “[...] por causa desta mulher, vagabunda confessa, deram-se troca de palavras entre um soldado e um rapaz”.

Nesse caso percebemos uma correspondência com a categoria mulheres vítimas de violência doméstica, pois, naquela seção, também ocorreram casos em que a mulher, apesar de vítima, acabava sendo identificada depreciativamente. Isso é uma estratégia discursiva que culpabiliza a vítima.

Uma nota de maio de 1904 fala sobre prostitutas. O jornal escreve:

“Andrajosas, cobertas de trapo e em completo estado de embriaguez, perambulam por esta cidade 3 pardas prostitutas, dizendo toda sorte de palavrões. Domingo, às 3 horas da tarde aquelas pardas fizeram grande sarilho na avenida Washington. Ahi fica a queixa, quando a polícia acordar encontrála-á”.

Fica claro que as prostitutas são bastante desconsideradas, representando, talvez, o ápice da mulher perdida na visão do jornal.

8) Freira (10 casos) - Assim como a artista, essa ocupação costumava ser noticiada de forma positiva, sendo as freiras citadas em notícias de escolas, pois tinham atuação ativa no contexto educacional infantil. Há apenas uma menção que posiciona as freiras de uma maneira questionável, bem como os frades franciscanos.

Em outubro de 1904, um artigo de um leitor reclama de crianças que pedem esmolas para uma santa e que perambulam pela cidade. (...) “essas creanças são alumnas dos frades franciscanos e das freiras do Santa Cathrina, autorizadas por essas escolas a pedir nickeis pelas ruas para fina religiosos, e que não devem permanecer em semelhante ocupação”.

Mesmo o artigo sendo contrário à prática das crianças pedintes, é notório que não há adjetivos que ofendam nem as freiras, nem os frades, apesar de os mesmos serem identificados como os responsáveis. Devemos lembrar também que o texto é de um leitor, e não do próprio jornal.

O tom geral de a Tribuna é de reverência, sendo as freiras identificadas como virtuosas e dignas, como na nota de junho de 1904: “da virtuosa Irmã superiora de Collegio de Sion recebemos convite para assistir a festa do lançamento da pedra fundamental do novo edificio a Av. Benjamin Constant, solenidade que se realizará no próximo domingo, 11 do corrente”.

9) engajada politicamente ou com prestígio (7 vezes) - Essa categoria traz mulheres identificadas elogiosamente e que não se enquadram nas categorias professora, freira, artista, acompanhante”. É o caso da nota de maio de 1904, que informa que “a estimada proprietaria do La Perfection desceu para o Rio”.

Tal categoria também pressupõe mulheres envolvidas com a comunidade de um modo mais político, o que geralmente ocorria por meio da caridade, como em nota de abril de 1903, que sinaliza uma doação de uma mulher para um asilo.

Há apenas uma mulher mapeada que estava lutando por seus direitos, sendo esta uma professora que alegou estar passando fome, em nota publicada em abril de 1903:

“[...] Depois das lágrimas derramadas pela infeliz professora, o Sr. Quintino “teve um rasgo de generosidade mandando-lhe pagar um mês de vencimentos atrasados”.

No trecho, fica evidente o tom depreciativo para com a professora, chamada de “infeliz” e, implicitamente de chorona. Aquilo que deveria ser o direito profissional é apresentado enquanto uma benesse da generosidade do Sr. Quintino.

10) rainha do lar/mãe (4 casos) - Uma nota de novembro de 1904 faz uma associação entre a figura materna e a religião. A nota intitulada “Associação das mães christãs”, convida “(...) todas as sras. associadas a tomarem parte da romaria na cidade de Petropolis, presidida por s. ex. revdm. o sr. Bispo diocesano, a qual se realizará a 13 do mez corrente”. Há uma notícia de dezembro de 1904 diz que:

“Todo mundo catholico ergue, no dia consagrado à Imaculada Conceição, suas preces para o throno de Maria. (..) aquella que, cheia de graça, bemdita entre todas as mulheres, guardou em seu seio Aquelle que deveria ser o reformador dos costumes (...). “que Maria, a meiga e pura mãe de Jesus Christo, não desvie os seus olhos piedosos de nossa pátria”.

Percebemos a relação entre as qualidades de Maria, que é meiga, pura e mãe, e todas as mulheres, já que Maria é “bemdita entre todas as mulheres”, ou seja, Maria é um tipo ideal a ser seguido por todas.

Já o artigo publicado em outubro de 1904 fala sobre a lei do ventre livre, de 28 de setembro de 1871, tematizando o papel da mãe. O artigo relembra a missão da colônia e fala de Carlos e Amelia (reis de Portugal), exaltando a data de 28/09.

“(..) no Brazil guardada pelo povo, junto do coração, a data memorável de 28 de setembro, os poderes públicos a esquece, porque nella não entram nem soldados nem guerras [...] Entretanto, ella é a mais bela, a mais elevada, a mais memorável, a mais santa de nossa história. Ella relembra o contentamento de milhares de mães que já não alimentam em seu seio milhares de captivos’ella relembra que já não nasciam em uma nação christã homens e mulheres marcados desde o ventre materno com o ferrete ignominioso da escravidão; (...) ella relembra essa senhora, essa princesa tão christna como Clotilde, esquecendo-se do seu throno, da sua raça, do seu futuro para lembrar-se só que era mãe, e que uma mãe não pode ver chorar, sem lágrimas, milhares de mães. (...) Parece até que, no meio da sua agonia suprema, Jesus, prégado na sua cruz, neste dia memorável, desprendendo dos seus lábios pálidos num doce sorriso e deixa cair uma lagrima de amor no coração de todas as mães.

Novamente, percebemos a idealização do papel de mãe, que tanto é sensível e chora, quanta é santa e religiosa, razão pela qual a própria data seria dotada de santidade.

Conclusão

Das 10 categorias, é possível atestarmos que três destas envolvem atividades profissionais permitidas à mulher: artista, freira e professora, sendo que a última oscila entre representações positivas e negativas da figura da professora (19 menções) e as outras duas são elogiosas e respeitáveis (somam 21 menções). As três ocupações totalizam 41 das 141 menções totais. Cerca de 80% das menções a essas profissões permitidas representavam tais ocupações positivamente ou de forma neutra. Nesse ponto é possível perceber a mulher enquanto um agente político, indo ao encontro das representações mais sérias acerca do feminino no jornalismo diário, conforme Buitoni (2009).

Na categoria falecimento, aniversário, casamento, nascimento e enfermidade, tanto quanto na de acompanhante, a mulher não é noticiada se não estiver relacionada a uma figura masculina, sendo que boa parte das menções não nomeiam tais mulheres, ao trazer apenas os dizeres “esposa, senhora, filha, sogra, mãe”. As mulheres nessas duas categorias são vistas sob um prisma positivo, pois estão ligadas a famílias tradicionais e homens poderosos. As duas categorias representam 41 das menções, mas, apesar de elogiosas, não permitem que a mulher tenha uma função de sujeito que age no mundo, pois, tal tarefa, caberia aos homens.

As categorias de mulher como “arauto da beleza, pura, santa, religiosa” e de rainha do lar/mãe somam 19 menções e são valorizadas pelo periódico, que sinaliza tais predicados como inerentes à mulher desejável/respeitável. Representam tipos ideais.

Mulheres vítimas de violência e mulheres perdidas somam 25 menções, sendo que, em algumas notícias, as vítimas são culpabilizadas em alguma escala. Já as mulheres perdidas sempre aparecem de forma depreciativa. Não foram localizadas notícias que envolvessem mulheres ricas e de família tradicional em quaisquer dos eventos analisados.

Com relação a mulher engajada, no geral, é bem vista, pois costumava ser religiosa e fazer caridade. Nesse sentido, era uma mulher com papel mais ativo, ainda que restrito aos universos religioso ou educativo, como era também o caso da professora, freira e mesmo da mulher santa, pura ou religiosa. A única menção a uma mulher lutando pelos seus direitos em uma esfera mais política e trabalhista foi a de uma professora que acionou a justiça para receber seu salário atrasado, mas a imagem que a Tribuna constrói dela é a

de alguém chorona, faminta e miserável, que teria despertado a misericórdia do homem que analisava seu pedido.

REFERÊNCIAS

BAHIA, J. *Jornal, história e técnica*. São Paulo: Martins, 1964.

BUITONI, D. S. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1986.

_____. **Mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Summus, 2009.

COSTA, V. S. Perde-se a capital, ganha-se um jornal: a criação da Tribuna de Petrópolis e o resgate do poder simbólico e político regional. **Revista Brasileira de História da Mídia**. V.6, n.1, 2017. Disponível em: [153https://ojs.ufpi.br/index.php/rbhm/article/viewFile/6069/3565](https://ojs.ufpi.br/index.php/rbhm/article/viewFile/6069/3565) . Acesso em 03/10/2019.

FERREIRA, L.M.A. Representações da sociabilidade feminina na imprensa do século XIX. In: Fênix – **Revista de História e Estudos Culturais**, V. 7, Ano VII, nº 2, 2010, p.1-16.

FRANCHINI, B. S. O que são as ondas do feminismo? in: **Revista QG Feminista**. 2017. Disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismoeeed092dae3a>. Acesso em: 20 de ago. de 2020.

GROTH, O. **O poder cultural desconhecido**: fundamento da Ciência dos Jornais. Petrópolis: Vozes, 2011.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Tradução: Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

MOTA, K. R. S. Feminismo contemporâneo: como ativistas de São Paulo compreendem uma terceira onda do movimento no país. **Extraprensa**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 108-127, dez. 2017. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/139729/137419>>. Acesso em: 13 maio 2020.

ORLEANS E BRAGANÇA, F. Compromisso e coerência. 22/03/2020. Acesso em: <https://tribunadepetropolis.com.br/compromisso-e-coerencia>>. Acesso em 03 de julho de 2020.

SOUSA, R. F. de. Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres. **Rev. Estud. Fem.** [online]. 2017, vol.25, n.1, pp.9-29.